

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SANGUE E NERVO – O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN
3 e 6 de Outubro de 2023

CONVERSATION WITH FRITZ LANG / 1975

Um filme de William Friedkin

Realização: William Friedkin / Direcção de Fotografia: William Fraker / Montagem: Augie Hess / Com Fritz Lang e William Friedkin (o entrevistador).

Cópia digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 50 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Entre os realizadores da “nova Hollywood” era Peter Bogdanovich o mais bem relacionado com os nomes da “velha Hollywood”, como é bem sabido e bem conhecido, até por todos os produtos escritos e filmados que saíram desse relacionamento, nomeadamente o **Directed by John Ford** – que hoje é por certo o mais completo e precioso registo da presença, e da palavra, do autor de **The Searchers**. William Friedkin, embora os seus filmes fossem muito menos “cinéfilos” do que os de Bogdanovich, também tinha algum relacionamento pessoal com a “velha Hollywood”, visto que durante dois anos, entre 1970 e 1972, foi uma espécie de “proto-genro” de Howard Hawks, através do noivado com a filha do realizador de **Rio Bravo**, Kitty, que acabou por não se converter em casamento (e a influência que Hawks teve em Friedkin, desde logo pela forma como o inspirou a fazer **The French Connection**, está bem documentada e bem testemunhada pelo próprio Friedkin).

Mas não foi o homem que esteve quase para ser seu sogro que Friedkin filmou, antes um dos seus cineastas de eleição, Fritz Lang. Durante anos, esta conversa que vamos ver existiu quase como um “bruto”, porque Friedkin não se aproximou de Lang com a intenção de ter um diálogo filmado com o cineasta germano-americano como objectivo final, e ao que consta este encontro não seria mais, inicialmente, do que a aquisição de material de trabalho para um documentário que Friedkin então preparava (muito presumivelmente na esteira do sucesso de **The Exorcist**) sobre a história do cinema de terror. O projecto tinha título, *Safe in Darkness*, e pelo menos mais uma entrevista (com Roman Polanski) chegou a ser filmada, mas Friedkin, por alguma razão, acabou por se desinteressar dele. Este documento acabaria, muitos anos mais tarde, por ver a luz do dia numa versão preparada (sob supervisão de Friedkin) para exibição no Festival de Turim, e depois incluída como “extra” numa edição de **M** em DVD pela Criterion no final dos anos 2000. Os cerca de 50 minutos desta versão (a que vamos ver) coexistem, no labirinto da internet, com outras versões mais extensas, de hora e meia, ou até quase de duas horas e meia, que são fáceis de encontrar por qualquer espectador com acesso a um motor de busca.

Seja como for, **M** e a generalidade do período inicial de Lang na Alemanha, ocuparam uma parte substancial da conversa (**M** talvez fosse, para Friedkin, a principal razão para a interpelação de Lang no contexto de um trabalho sobre o cinema de terror), e não há da parte de Friedkin nenhum interesse de maior em abordar o “ensemble” (incluindo, portanto, a fase americana, ou melhor dizendo, excluindo-a) da vida e da obra de Fritz Lang. 1975, recorde-se, não era 2023, a informação não circulava com a mesma velocidade, nem a disponibilidade era a que existe hoje. De maneira que não é seguro, sequer, que Friedkin tivesse visto, por exemplo, o documentário também em forma de diálogo (**Le Dinosaure et le Bébé**) que Jean-Luc Godard, cerca de dez anos antes, filmara com Fritz Lang para os *Cinéastes, de Notre Temps* que André S. Labarthe e Jeanine Bazin produziam para a televisão francesa. Ao pé desse filme, do seu sentido de propósito, amplitude e estrutura, a **Conversation** de Friedkin empalidece, mesmo tendo em conta, pela natureza do que estava subjacente, que nada disso era uma preocupação de Friedkin. É ver, por exemplo, como tantas considerações de Lang aqui contidas, ou até de relatos tão espectaculares (e tão romanceados) como o do seu encontro com Goebbels e subsequente saída da Alemanha, eram como que uma “reprise” de coisas que Lang que já tinha dito ou registado noutras circunstâncias, mas que o autor de **M** conta como se as estivesse a contar pela primeira vez. Por outro lado, isso também significava que esses relatos estavam já perfeitamente depurados: talvez seja aqui que Lang conta mais detalhadamente (incluindo até a descrição das cores da camisa de Goebbels) o celeberrimo episódio da sua reunião com o Ministro da Propaganda dos nazis, que hoje se sabe – ou porque Lang romanceou ou porque a memória se alterou – não se ter passado exactamente como ele conta, pelo menos no que toca à sua supostamente imediata saída do território alemão.

Momentos como esse, em todo o caso, a juntar a todos os “éclats” do pensamento de Lang, às considerações sobre a sua ética, a sua estética, a sua praxis, garantem que o maior espectáculo deste filme austero e minimalista consista no espectáculo da oralidade do autor alemão, das coisas que diz à maneira como as diz (aquele carregadíssimo sotaque germânico). É um documento, mas o tempo também o transformou num monumento: a última vez que alguém apontou câmara e microfones a Fritz Lang, cerca de ano e meio antes da sua morte.

Luís Miguel Oliveira